

Representações sociais de sírios e libaneses em Corumbá, MS: comércio, casamento e cemitério

Autor:
Machado de Oliveira, Marco Aurélio

Revista:
Revista Transporte y Territorio

2016, 15, 388-403



Artículo

Representações sociais de sírios e libaneses em Corumbá, MS: comércio, casamento e cemitério



Marco Aurélio Machado de Oliveira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Nathalia Monseff Junqueira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Recebido: 15 de abril de 2016. Aceptado: 29 de junio de 2016.

Resumo

Este artigo busca entender como os imigrantes sírios e libaneses construíram representações sociais expressas no cemitério Santa Cruz em Corumbá, MS, Brasil. As evidências mais claras são de que eles reproduziram trajetórias de sucesso alcançado por camadas sociais mais abastadas. Tal trajetória consistia em consolidar a atuação mercantil e, posteriormente, realizar o matrimônio com pessoas de famílias locais, que possuíam destaque social. Partimos de um reconhecimento de que esse caminho não foi trilhado por todos os imigrantes chegados àquela cidade, ou seja, apenas uma parcela deles conseguiu obter êxito. Trataremos aqui dos exitosos que obtiveram resultados expressivos em suas permanências em Corumbá. A metodologia utilizada foi a de levantamento de fontes documentais nos acervos disponíveis naquela cidade.

Palavras-chave

Imigrantes
Sírios e Libaneses
Cemitério
Representações Sociais

Palabras Claves

Immigrantes
Sírios y Libaneses
Cementerio
Representaciones Sociales

Abstract

Social representations of syrian and lebanese in corumbá, ms: trade, marriage and cemetery.

This article aims to understand how the Syrian and Lebanese representations through the graves which socially represent the immigration expressed in Santa Cruz cemetery in Corumbá, MS, Brazil. The clearest evidence is that they successfully reproduced trajectories achieved by wealthier social layers. Such trajectories were to consolidate the commercial operations and subsequently arrange alliances through marriage among people of local families who had social prominence. We start from recognition that this custom was not trodden by all immigrants of the city, that is, only a few of them could succeed. We intend to discuss here the successful individuals who achieved significant results while living in Corumbá. The methodology used was the survey of documentary sources in the collections which are available in the city.

Key-Words

Immigrants
Syrians and Lebanese
Cemetery
Social Representations

Introdução

Para tentar melhor apresentar a cidade de Corumbá, MS, Brasil, há que enxergar à sua frente, portanto ao Norte, o rio Paraguai que carrega todos os passados, desde sua fundação em 1778, até a navegação presente, passando pelos imigrantes e mercadorias vindas após a Guerra do Paraguai. Ao seu lado poente, a Bolívia, imperiosa em perspectivas, não permitindo que nem as autoridades locais nem os cidadãos se esqueçam da sua vocação fronteiriça. Em seu flanco nascente, Ladário que, apesar de dezenove dias mais velha, recorre-lhe em dependências diárias, desde os níveis institucionais até os mais corriqueiros, como supermercados, por exemplo. Corumbá foi cuidadosamente costurada pela ferrovia e pela rodovia, criando uma espécie de nó górdio, uma vez que em ambos os moldais a cidade é fim e meio, pois nem se sabe mais se tais estradas começam no Brasil ou na Bolívia.

Fundada por portugueses, feita por brasileiros e imigrantes de variadas nacionalidades esta cidade é importante no processo de ocupação do centro do continente, que consideramos como o primeiro movimento que fazemos para tentar entendê-la. Por estar situada na fronteira com a Bolívia e fazer parte da Bacia Platina, através do Rio Paraguai, que a banha perenemente, Corumbá atrai muitos imigrantes, e atraiu em um passado um pouco mais distante, entre outros, sírios e libaneses.

Tal posição geográfica nos remete a uma dimensão continental do fenômeno migratório experimentado tanto pelos sírios quanto pelos libaneses (Jardim & Oliveira, 2006). Por terem chegado a todos os países da América do Sul, torna-se muito difícil encontrar paralelo com outros grupos de imigrantes, à exceção dos ibéricos, que tenham conseguido tamanho alcance. E relevantes estudos podem servir como baliza metodológica para pesquisas sobre suas presenças, como, por exemplo, em Muksdi (2001:171-187).

O objetivo principal deste artigo é entender como parcela do grupo de imigrantes sírios e libaneses construiu representações sociais expressas no Cemitério Santa Cruz naquela cidade. Para tanto, seguimos algumas hipóteses, segundo as quais eles teriam reproduzido trajetórias de sucesso alcançado por camadas sociais mais abastadas em diversos lugares. Nossos pressupostos foram de que seus passos foram calculados, seguindo uma espécie de roteiro, como: propriedade, matrimônio, formação profissional de destaque, inserção na vida política e representações sociais, expressas no cemitério. Obviamente, existia em suas estratégias, também, a missão de dar aos filhos formação profissional, especialmente médicos e advogados, embora este aspecto não esteja presente neste texto. Devemos observar que constatamos que esse caminho não foi possível ser trilhado por todos os imigrantes chegados àquela cidade, ou seja, apenas uma parcela deles conseguiu obter êxito. Trataremos aqui dos exitosos que deixaram vestígios expressivos em suas permanências em Corumbá.

Muito importante fazer algumas observações a respeito da metodologia utilizada nesta pesquisa e que se impôs como desafiadora para sua execução. Primeiramente, como ensinou Said (1990:27-32), adotaremos dispositivos metodológicos para os estudos de imigração naquilo que o autor nominou por *localização estratégica*, ou seja, a descrição da posição em que o investigador se encontra perante e em relação ao sujeito investigado e analisado. Falamos do ponto de observação, exclusivo e solitário do investigador. Além da localização, e ainda seguindo Said, adotaremos a *formação estratégica*, que é a forma de analisar, no nosso caso, a relação existente entre grupos e a forma como adquirem densidades e poder referenciais incorporados em uma das ações no processo migratório, e que está estabelecido, por exemplo, na intenção de construir representações. Em outras palavras, a percepção do investigador nos momentos de realizar as capturas de informações.

Com esses cuidados e com as hipóteses mencionadas, realizamos levantamentos nos seguintes acervos, todos localizados naquela cidade: Acervo do Cemitério Santa Cruz, Acervo do Instituto Luis de Albuquerque e Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Candelária, além dos cartoriais. Nossa intenção era de capturar o máximo de informações que pudessem sinalizar, documentalmente, a trajetória deles naquela cidade. Salientamos aqui que essa tarefa foi, por diversas vezes, obstruída pela precariedade em que se encontram os documentos nos referidos acervos. É de impressionar tanto a desorganização quanto a falta de zelo que levou à destruição de riquíssimas fontes documentais.

Entendemos que para os estudos sobre o imigrante não existam receituários metodológicos confiáveis. O que, por um lado libera o pesquisador para variáveis que possam saltar aos olhos durante a pesquisa, por outro, exige mais compenetração nos estudos e diminuição nos riscos de conclusões precipitadas. Desta maneira, as dificuldades em analisar os documentos, bem como os vestígios encontrados no cemitério, podem ser superadas a partir da observação do conjunto da pesquisa que envolve tanto os documentos quanto os monumentos investigados.

A ausência de estudos que vinculem o imigrante, e todas suas condições inerentes a ele, aos cemitérios em Corumbá poderia, de maneira precipitada, ser encarada como um problema de ordem metodológica ou até teórica. Contudo, no caso desta pesquisa, foi levada como desafio que consiste no resgate de uma parte da história da cidade, e de parcela de seus imigrantes, bem como da ocupação do centro do continente.

A chegada e a presença de sírios e libaneses em Corumbá

As correntes emigratórias dos povos sírios e libaneses em direção à América encontram explicações que se diferenciam de outros povos que foram para lá ao final do século XIX. Motivações diversas tiveram sustentabilidade nas ações coordenadas do Estado Turco e nas interferências europeias, imperando, também, o improvisado na fuga e a indefinição quanto ao destino final, característicos da falta de perspectivas na terra natal. Conflitos religiosos, étnicos e econômicos também se constituíram em importantes razões do desencadeamento do processo emigratório.

As constantes tiranias instaladas no seio do poder dos países do Oriente Médio, durante o processo de independência, não podem ser desprezadas na análise das ações objetivas que motivaram a fuga de sírios e libaneses para outras regiões. Suas origens estão diretamente ligadas ao longo processo de declínio do Império, durante o século XIX e início do XX, bem como ao nacionalismo. A repressão aos povos sírios e libaneses se configurou como uma luta nos setores inferiores da política da região, enquanto que nos setores superiores, incluindo a administração do Estado, situava-se nos conflitos entre os turcos, ingleses, franceses e alemães até a II Guerra Mundial (Oliveira, 2001: 27).

Ao descrever aquele Império durante o século XX, George Kirk, revelou a existência de conflitos que não permeavam as relações sociais e políticas verificadas anteriormente ao processo de diluição do Império. O autor deu ênfase às oposições que se ligavam tanto ao relacionamento das outras potências da Europa com o Império Turco como, também, ao surgimento dos movimentos nacionalistas em países subjugados. As observações de Kirk sugerem, ainda, a ideia de que os conflitos não foram originários das grandes desavenças históricas entre aqueles povos, o que, de certa forma, desmistifica a ideia comum de que os povos árabes “jamais se entenderam”. Percebemos isso com clareza nas palavras do referido historiador:

O Ponto crucial (...) [das iniciativas europeias sobre o Império Turco] consistia em expulsar os turcos da Europa. Sob sua dominação encontravam-se, além dos gregos, os albaneses, búlgaros e romenos (...), várias comunidades eslavas, como os bosníacos, os sérvios, os herzegovinos (...). Na Ásia tinha sob a guarda os árabes, como expressão mais genérica, e a pequena multidão de minorias que habitavam os diferentes territórios sob administração civil e religiosa otomana (Kirk, 1964:236-237).

Há outros elementos que contribuíram para desestabilizar a região, provocando e acenando as correntes migratórias. Dentre eles ganham destaque: o crescimento demográfico e as crises na agricultura familiar (Truzzi, 1997:19-21). Porém, um componente que não pode ser considerado é o motivo pelo qual esses grupos de imigrantes chegaram ao Brasil. De acordo com alguns historiadores o destino inicialmente não era este país, mas, sim, os Estados Unidos da América. Desta forma, alguns teriam sido enganados quanto ao destino e acabaram por chegar ao Porto de Santos (Hajjar, 1985:48-59), primeiro contato com o Brasil, e depois se esparramado pelo país e pelo continente.

A presença síria e libanesa no Brasil despertou pouco interesse entre intelectuais e estudiosos brasileiros até o primeiro período Vargas (1930-1945). De uma maneira geral, quando lembrada, sua presença foi bem vista pelas autoridades e curiosos sobre o assunto. Em 1938, por exemplo, Filinto Müller, chefe da polícia política de Vargas, realizou investigação a respeito das colônias de imigrantes no Brasil, em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nele, as preocupações residiam, principalmente, nas atividades políticas que os grupos de imigrantes poderiam estar desenvolvendo. Em suas observações os sírios e libaneses encontram-se diluídos sob o termo *árabes*, expressão generalizante e de uso comum. Após suas investigações, enfatizou:

(...) tanto no Rio quanto em São Paulo, mesmo entre os árabes chegados há pouco tempo, não se nota grande interesse pela vida política do país de origem. Apenas um círculo muito restrito da colônia demonstra tendências de caráter nacionalista, colaborando em jornais e revistas de Beirute e do Cairo. (Fundação Getúlio Vargas, 1938: s/p)

As constatações a que Müller chegou no Rio de Janeiro e São Paulo refletem uma estratégia utilizada por esses grupos de imigrantes para assegurar sua fixação na nova terra, tornando factível a sobrevivência. E tal estratégia não se ateve apenas em expressar certos desinteresses pelas notícias políticas da terra natal, mas, sobretudo, manifestar interesses pela nova terra. Interagir e construir uma vida no Brasil ganhou novos contornos quando notamos suas presenças no extremo Oeste, desconstruindo ideias equivocadas da presença síria e libanesa restrita à faixa litorânea.

Outra característica desse grupo de imigrantes está no fato deles terem se disseminado ao longo do território brasileiro, talvez, comparável apenas aos portugueses. Exemplo disso está na Ata de Fundação de Sena Madureira, no Acre, em 1904, em que os signatários predominantes são sírios e libaneses (Ata de Fundação de Sena Madureira).

No antigo Mato Grosso unificado¹, em especial após a Guerra do Paraguai, a chegada de imigrantes sírios e libaneses ocorreu através da cidade de Corumbá. Não nos foi possível marcar os nomes dos primeiros desse grupo de imigrantes a aportarem naquela cidade nem datá-los, embora tenhamos encontrado registros de processos crime no acervo histórico do Fórum da cidade, que datam a presença deles no ano de 1872. A cidade de Corumbá tornou-se destino deles em face ao seguinte motivo: desde o porto de Santos, SP, até o de Corumbá, o que determinou o fluxo foram as alternativas econômicas encontradas ao longo de seu percurso na Bacia Platina. Ou seja, nas diversas cidades entre Buenos Aires e Corumbá é notável a presença de sírios e libaneses decorrentes daquele fluxo migratório.

1. O estado de Mato Grosso foi desmembrado, originando Mato Grosso do Sul, por força da Lei Complementar nº 31 de 1977. Corumbá passou a pertencer à nova Unidade da Federação.

Outro aspecto importante para que sírios e libaneses migrassem em direção a Corumbá era o encantamento econômico que a cidade produzia, fruto de seu comércio internacional, derivado de franqueamentos tributários promovidos pelo Imperador Dom Pedro II (Oliveira, 2001: 35). A cidade exerceu durante um longo tempo a função de abastecedora de mercadorias vindas de Buenos Aires em direção ao centro e oeste de todo antigo Mato Grosso unificado. Sabia-se que vários comerciantes, de diversas nacionalidades, acumularam significativas fortunas e adquiriram expressivos espaços políticos, como, por exemplo, os franceses Philbois, os macedônios Dichoff e Panoff, os portugueses Cavassa e Baís, os uruguaios Vasquez e os alemães Otto. Relevante era o poder que o comércio internacional exercia sobre eles, sendo perceptível em alguns anúncios de Corumbá: “Casa Schared & irmãos. Variedades de produtos importados da Alemanha e Reino Unido”; “Exportadora e Importadora Estrela do Oriente. Vendem-se produtos do mundo inteiro” (Panfleto Ilustrativo de Corumbá e Região, s/d:01).

O comércio foi de todas as alternativas a mais explorada pelos imigrantes sírios e libaneses em Corumbá. Isso ocorreu em função das poucas possibilidades que eles tinham na cidade. Considerando suas raízes rurais (Truzzi, 1997:51) e o fato de que o acesso a terras no Pantanal estava esgotado, as práticas urbanas era as que lhes restavam. Como não tinham maiores especialidades, o comércio lhes surgia como a melhor alternativa para a sobrevivência. E, dentro das atividades comerciais, o ofício de mascate foi o que lhes sinalizou como empresa mais realizável. Da mascatagem nenhum registro foi encontrado, embora apareça em bibliografias e depoimentos de descendentes. Ainda assim é correto afirmar que ela foi responsável pela ascensão desses imigrantes, ou parcela significativa deles, à condição de lojista. Esse passo à frente foi constituído, também, pela notável capacidade que esse grupo de imigrantes possui de fazer poupança, além, claro, da constituição de rede de sociabilidades e solidariedade que existia, principalmente, entre seus familiares. Sobre essas redes, há um registro muito interessante, datado de 1909, que demonstra as articulações entre os que já estavam estabelecidos como lojistas, tentando atrair parentes e familiares que ainda estavam vivendo na terra natal. Em dado momento, o imigrante relata:

Aqui é muito melhor que aí [Síria]. Aqui não tem guerra, nem matam nossos pais e irmãos. O comércio nos deu esperança de viver melhor. Então, não vejo motivos para que não venham para cá, amados tios. Vocês são o que restou da minha família, e quero vocês aqui perto de mim, vivendo melhor do que estão vivendo aí. (Oliveira, 2001: 112)

Não podemos tomar este documento como única referência para entendermos o processo de acomodação à nova terra sofrido pelos sírios e libaneses. Há outra carta, datada de 1932, na qual há uma espécie de contraponto ao que o outro imigrante se referia:

(...) tenho a sensação de estar me transpondo de uma civilização para outra, de forma definitiva. Cada vez que me embrenho mais por esse país, me sinto mais distante do Líbano; as lembranças das frutas e das conversas vão dando lugar a um lúgubre sentimento de não pertencer ao novo país, o Brasil, por mais que eu tento o contrário. (Oliveira, 2001:49)

Mesmo com os problemas oriundos de todo processo migratório internacional, podemos afirmar que parcela significativa deles fixou-se nesta fronteira. Destes, uma parte ficou no obscurantismo político e social, enquanto que uma fração conquistou significativa fortuna. Falamos aqui de um período que durou, aproximadamente, 25 (vinte e cinco) anos, no qual se constituiu um núcleo empresarial

formado por Salin Kassar, imigrante sírio, nascido em 1933 e falecido em 1975, João Dolabani, argentino de ascendência síria, nascido em 1928 e falecido em 2011, e Alfredo Katurchi, imigrante sírio nascido em 1939 e falecido em 1972. Este núcleo fundou o Moinho Mato-Grossense (1952), a Fiação Mato-Grossense e a Tecelagem Mato-Grossense (1959) e, ainda, o Curtume Mato-Grossense (1960) (Oliveira, 2001:41) Tratava-se de um conglomerado de indústrias que visavam, sobretudo, atender o mercado do Sudeste brasileiro. O trigo e o algodão chegavam da Argentina pelo Rio Paraguai enquanto que o couro era provindo de abatedouro bovino da própria região. Evidentemente, fazia parte de um processo de substituição de importação, iniciada no período Vargas e que alcançava Corumbá ao longo dos anos 1950 (Oliveira, 1998: 41-48), processo, aliás, que incluiu o Grupo Chamma, com a siderúrgica Sobramil, já apresentada neste artigo. Durante o regime militar ocorreram sobretaxas para importação do trigo e do algodão, o que tornou inviável o negócio. Como resultado, em 1974 todos aqueles empreendimentos estavam fechados, e seus proprietários migraram seus negócios tornando-se proprietários de terras no Pantanal.

Devemos observar, contudo, que tal período produziu efeitos na vida da sociedade local. É muito comum escutarmos frases de parcela da população, como: “foi algo espetacular” ou “tivemos o maior parque industrial do Centro-Oeste”. Da mesma maneira, repercutiu em autoridades como as militares, por exemplo. Em documento do Ministério da Guerra, exarado em 1967, analisava as potencialidades econômicas e os traços sociológicos e demográficos da cidade. Da mesma forma que Filinto Müller, tais autoridades analisaram a presença dos ‘árabes’ de maneira muito generalizante, enfatizando os que haviam conseguido obter trajetória de sucesso no ramo empresarial, especialmente quando assinala que as correntes migratórias desses grupos eram benéficas para a cidade “(...) bastando para isso verificar que grande parte dos comerciantes locais é composta por árabes. Entre eles já podem ser apontados alguns que se lançaram a empreendimentos industriais importantes” (BRASIL. Ministério da Guerra, 1967: 55).

O matrimônio como estratégia

Em nossos estudos sobre esses grupos de imigrantes pudemos observar que o matrimônio se tornou a principal configuração de sua aceitação na sociedade local. Neste sentido, o envolvimento dos grupos de sírios e libaneses com os locais é bastante evidenciado, mesmo considerando um traço cultural deles: o casamento determinado ainda na terra de origem. Seguindo este caminho é importante e convém que o investigador observe:

(...) que, mesmo antes de emigrarem, tanto sírios quanto libaneses já conviviam com casamentos arranjados entre as famílias. O casamento era entendido como uma obrigação social. As alianças matrimoniais existiam para reforçar interesses e círculos de relações, porque o inverso também vigorava, ou seja, ao se abrirem para novas alianças, as famílias corriam o risco de se degradarem (Oliveira, 2010: 92-93).

Tal situação é constatável no Quadro 01, no qual se verifica o matrimônio entre imigrantes da mesma nacionalidade. Porém, não é possível afirmar que isso fosse uma regra entre esses grupos de sírios e libaneses, uma vez que é notável a existência de alianças miscíveis no mesmo quadro. Um componente que tornava o processo mais factível era o de que os imigrantes e os que já estavam em Corumbá comungavam da mesma religião, ou seja, por serem cristãos, diversos obstáculos eram inexistentes.

Quadro 01. Matrimônios envolvendo imigrantes sírios e libaneses em Corumbá, MS, no período de 1896 a 1918. Fonte: Acervo Paróquia Nossa Senhora da Candelária, Corumbá, MS, Livros de Casamentos nº IV (1896-1902), nº V (1903-1913) e nº VI (1914-1918).

Nome	Data de casamento	Local de Nascimento	Idade
Jorge Félix Bacha Chaniffe Abélia	15/10/1902	Turquia Turquia*	25 anos 22 anos
Rafael Bacha Dib Arminda Campos	17/08/1903	Síria Corumbá	21 anos 20 anos
Jamil Dib Dib Laurinda Barros	22/09/1903	Síria Corumbá	25 anos 21 anos
Jorge Amin Lucineide Souza	15/11/1904	Líbano Corumbá	35 anos 25 anos
Júlio G. Oliveira Anna Yule	10/06/1915	Corumbá Corumbá	44 anos 42 anos
Miguel Abdul Anna Abdalla	13/05/1916	Síria Síria	28 anos 25 anos
Antonio Jabur Martha Zachia	22/06/1916	Síria Síria	45 anos 35 anos
Jamil Urt Maria Assad	02/12/1916	Síria Ladário	28 anos 14 anos
Masshud C. Assaf Zenina Pakler	24/11/1918	Síria Espírito Santo	22 anos 19 anos
Assef Abdalla Nicolao Afife Bichara Nicolao	24/11/1918	Síria Síria	23 anos 22 anos
Aziz Suleiman Maria das Graças Gomes	27/11/1918	Líbano Corumbá	21 anos 18 anos
Miguel Amuachau Maria Saad Sachi	22/12/1918	Damasco, Síria Bhuesin, Síria	38 anos 38 anos

* Esse casal está tipificado como de origem síria ou libanesa por dois aspectos: primeiro, assim como na atualidade, naquela época já era usual a denominação de 'turco' para os imigrantes sírios e libaneses por seus passaportes serem emitidos pelo Império Turco. Segundo, pelo fato de vários membros desses grupos de imigrantes terem sobrenomes idênticos.

A estabilidade econômica foi, sem dúvida, a principal promotora dessas alianças matrimoniais. Ela permitiu a confiabilidade necessária para seus ingressos em róis de privacidades, incluindo as atividades econômicas. Seria leviano afirmar que o matrimônio, de uma maneira generalizada, fosse baseado em interesses econômicos, uma vez que, para alguns, poderia constituir-se como uma estratégia para, inclusive, assegurar a permanência legal no Brasil. Da mesma forma como o estabelecimento lojista, o matrimônio também foi motivo para repercussões, especialmente, nos periódicos locais. Exemplo disso são as seguintes notas de jornais: "Corumbá congratula os nubentes Rafael Bacha Dib e Arminda Campos" (O Liberal, Corumbá, MT, 20 de agosto de 1903:1), "A família corumbaense se renova. Foi realizado o casamento de Jamil Dib Dib e Laurinda Barros" (O Liberal, Corumbá, MT, 24 de setembro de 1903:1).

Tais informações não seriam suficientes para entender o processo de construção de representações sociais se não houvesse dados relativos às noivas com as quais eles se casaram. Para Roger Chartier (1990), a representação apresenta três modalidades: o trabalho de classificação, as práticas de se reconhecer uma identidade social e as formas institucionalizadas que marcam a existência do grupo ou comunidade, como, no nosso caso, os matrimônios.

Foi necessário, então, realizar levantamento junto às fontes cartoriais e da Junta Comercial de Corumbá, para que fosse possível identificar o estrato social a qual essas pessoas pertenciam. Embora o interesse inicial estivesse apenas na comprovação da existência de matrimônios entre nacionalidades distintas, foi muito enriquecida a análise com os dados abaixo que demonstram as origens sociais de algumas das nubentes:

Quadro 02. Nubentes e atividades profissional da família de origem. Fonte: Cartório de Ladário; Cartório do 2º Ofício de Corumbá; Acervo do Cemitério Santa Cruz.

Nubente	Atividade principal da família de origem
Arminda Campos	Pecuarista
Laurinda Barros	Pecuarista
Lucineide Souza	Comerciante
Maria das Graças Gomes	Pecuarista

O matrimônio assumiu, portanto, papel importantíssimo nas estratégias desses grupos de imigrantes. Se, inicialmente, a preocupação central era a sobrevivência em um lugar distante de sua origem, com o passar do tempo, e dentro de uma perspectiva de consolidação nas esferas sociais em um micro universo que teria algo em torno de 8.000 (oito mil) habitantes, as preocupações se alteraram. Passaram, na virada do século XIX para o XX, a ocupar destaque a realização do matrimônio como forma de assegurar que a fase inicial havia sido consolidada. O casamento com filhas de comerciantes ou de fazendeiros locais denota o grau de aceitabilidade que esses imigrantes já gozavam na sociedade local.

Proposta metodológica de investigação sobre imigrantes: o cemitério

Os cemitérios são importantes locais para estudos, especialmente, os históricos. Neles é possível encontrar uma quantidade enorme de informações a respeito das sociedades, desde a forma como enxergavam e enxergam a morte até as representações que pretendem demonstrar em seus mausoléus, capelas e jazigos. Isso, de maneira muito especial:

(...) ao enxergarmos o túmulo enquanto monumento à memória da cidade e do morto. Os túmulos são documentos sintomáticos da cultura visual da sociedade, pois oferecem possibilidades ilimitadas de se entender a mentalidade humana em tempos diferentes que o cemitério reúne dentro de seus limites: nas cronologias que circundam a datação do acervo entre início e fim (Carvalho, 2012: 39-51).

Desta forma, os cemitérios, enquanto espaço de memória social, são feitos para os vivos e não para os mortos, buscando reproduzir a sociedade a que pertence, desde sua topografia até as vizinhanças e diferenças sociais. O cemitério é, sobretudo, um resumo simbólico da cidade (Ariés, 1982: 542). Neste caminho se insere este artigo, ou seja, buscar no cemitério vestígios que demonstrem a capacidade de imigrantes sírios e libaneses se fazerem representados na cidade que os acolheu.

A cidade de Corumbá possui na atualidade dois cemitérios. O cemitério mais antigo, inaugurado em 1914, leva o nome de Santa Cruz (Figura 1). Sua construção ocorreu durante a gestão do Intendente Eugênio Cunha (1912-1915), e traz a marca da reprodução da organização espacial e social da cidade, como veremos a diante. O mais novo, inaugurado em 1984, empresta o nome de um imigrante sírio. Trata-se de Nelson Chamma, cuja família possuiu enormes quantidades de terras ao redor da cidade, além da Sobramil, uma siderúrgica inaugurada em 1949 e teve suas atividades encerradas em 1968. Há diferenças estéticas profundas entre ambos. O primeiro tem o formato tradicional francês, com esculturas, lápides, jazigos e capelas, buscando reverenciar as famílias que ali estão enterradas, seguindo o padrão do cemitério Père-Lachaise, de Paris. O segundo lembrando o cemitério de Mount Auburn, em Massachussets, nos Estados Unidos, não possui lápides nem jazigos, havendo apenas a inscrição em placas ao chão. As diferenças não cessam: o primeiro está no centro da cidade, enquanto que o segundo está localizado fora do perímetro urbano, na rodovia que liga a cidade à Bolívia.



Figura 1. Cemitério Santa Cruz. Fonte: Jéssica Canavaro Oliveira (2016).

No cemitério Santa Cruz, que nos interessa diretamente neste texto, encontramos, da mesma maneira que em muitos outros lugares, muitos túmulos suntuosos, denunciando a existência de famílias que gozam ou gozaram de prestígio, econômico, social e político na cidade. Importante observar que este tipo de cemitério trata-se de um verdadeiro museu a céu aberto, com obras de arte, datas, nomes, referências e símbolos. Ou:

O cemitério, com seu discurso arquitetônico, tornou-se também uma forma de compreender as relações sociais em determinada época e não só a possibilidade de se estudar a sociedade através dos espaços destinados aos enterramentos, à arte arquitetônica e ao significado dos túmulos, como também o estudo dos trabalhos em mármore, técnica e marmoristas, além do entendimento da religião, classes sociais e locais de enterramentos (Ribeira & Prados, 2014: 45).

Neste espaço, tais jazigos estão localizados em áreas privilegiadas para serem notados, como na entrada, no centro e nas laterais onde podem ser visto das ruas que o cercam. Da mesma maneira que tais famílias se empenharam em construir representações sociais em cemitérios, diversos grupos de imigrantes também o fizeram. Nesta pesquisa foi possível, até o momento, identificar a existência de jazigos de famílias de 20 (vinte) nacionalidades, que envolve o período dos anos 1860 a 1920, quando as correntes migratórias, decorrentes da Guerra do Paraguai, em direção àquela cidade entraram em ritmo de arrefecimento. As nacionalidades encontradas foram: síria, libanesa, portuguesa, espanhola, argentina, uruguaia, paraguaia, boliviana, alemã, francesa, italiana, macedônia, inglesa, turca, peruana, chilena, grega, mexicana, jordaniana e austríaca.

Representações no cemitério santa cruz

É importante que façamos a observação quanto à lacuna existente entre os nomes citados nas fontes que utilizamos e aqueles que faremos menção nos registros do cemitério. Foi-nos possível documentar a presença desses imigrantes até o enlace matrimonial, contudo, não foi identificada a existência e localização de seus respectivos túmulos, devido à destruição, pela falta de zelo, do acervo do Cemitério Santa Cruz. Ainda assim,

optamos por trazer nossas leituras a respeito da construção, manutenção e significação de túmulos, jazigos e capelas de famílias descendentes de sírios e libaneses em Corumbá, que não aquelas que mencionamos nas primeiras partes deste artigo.

Os cemitérios são locais privilegiados para os estudiosos das relações sociais urbanas. Neles, é possível encontrar diversos vestígios das atividades que a família escolheu expor tanto aos seus descendentes quanto aos visitantes daquele espaço. Por terem tais características, os cemitérios são palcos, também, de representações sociais, nas quais se busca construir as memórias que se pretende visualizadas. Essas representações sociais não somente classificam as sociedades que criam, mas também promovem a exclusão de alguns aspectos que seriam representados, por meio de práticas políticas, sociais e discursivas. A representação coletiva se preocupa em conciliar as imagens mentais claras com os esquemas interiorizados, as categorias incorporadas, que as geram e estruturam, uma forma de constituir uma única representação que será compartilhada por uma sociedade (Chartier 1990: 19). Uma estátua em mármore italiano, com detalhes em bronze, demonstra, por exemplo, muito mais do que um dado gosto refinado da família, mas, sim, sobretudo, o poder que a mesma possuiu para construir tal memorial.

Os cemitérios também podem ser considerados como locais de memória. O jazigo, como um monumento² funerário (Le Goff, 2003:526), perpetua as lembranças individuais dos familiares, bem como a memória coletiva dos frequentadores do cemitério, uma vez que as lápides mais bem elaboradas passam a fazer parte do imaginário da cidade.

A memória se colocaria como uma construção no cemitério. Analisando os túmulos, torna-se evidente que muitas famílias proeminentes na sociedade corumbaense, também desejavam ser lembradas após a vida. Em seus jazigos observamos o uso de material proveniente de outras regiões do país, a escolha da arquitetura e tamanho do jazigo, bem como as inscrições e as imagens que finalizam as lápides. Esses elementos se tornam essenciais na construção de uma representação social dessa família. Dessa forma, eles ao pretenderem não ser esquecidos, estipularam uma tentativa de manipulação da memória.

Entretanto, os cemitérios se tornam locais de esquecimentos e lembranças³. Apesar da criação dos ritos funerários (visita aos túmulos no dia de Finados ou na data de morte do familiar), observamos que muitos túmulos estão destinados ao desaparecimento devido à falta de limpeza e cuidados com as lápides. Alguns estão abandonados já há algumas décadas, pois árvores cresceram no teto dos mausoléus, provocando danos estruturais que podem acarretar na ruína dessas construções mortuárias. Há, ainda, aqueles em que a família possa ter deixado de existir, não viver mais na cidade, não ter renovado a posse do espaço junto à Prefeitura, ou, mais, ter perdido interesses pela conservação do espaço.

Além dessas ponderações, há que esclarecer que é evidente a distribuição espacial no cemitério Santa Cruz. Na figura abaixo foi realizado um corte no qual se demonstra a existência de uma divisão temporal em seu espaço, ou seja, o seu lado esquerdo contém os jazigos históricos, datados desde o final do século XIX; e, ao lado direito estão os mais recentes, datados a partir dos anos 1950. Nota-se, também, a existência de uma divisão espacial, em que os túmulos das famílias mais abastadas situam-se nos flancos frontal, central e lateral, enquanto que os de famílias mais pobres estão ao fundo do cemitério.

O nosso foco nesse artigo são os túmulos das famílias de imigrantes que conquistaram riqueza e status político na cidade. De início, temos o mausoléu da família Ibraim Bacha (Figura 2), localizado a poucos metros da entrada principal do cemitério.

2. Monumento é derivado da palavra latina *monumentum*, que tem sua raiz na palavra *monere* (advertir, lembrar), ou seja, aquilo que faz ser lembrado, rememorado (CHOAY, 2001, pp. 17-18).

3. Segundo José D'Assunção Barros (2009, PP. 36), a memória se comporta em um movimento dialético entre a lembrança e o esquecimento.



Figura 2. Família Ibraim Bacha. Fonte: Jéssica Canavarro Oliveira (2016).

Nesse jazigo podemos observar como ele se destaca na paisagem devido ao seu tamanho, escolha da arquitetura tumular e do material selecionado para a sua construção: granito misturado com pó de mica. Esses elementos refletem a paisagem da cidade, uma vez que o estilo arquitetônico do início do século XX é o ecletismo, observado no portal de entrada do mausoléu, muito usado nas fachadas das residências corumbaenses. O granito com o pó de mica era uma das possibilidades de ornamentação das residências, e o tamanho das mesmas denotaria a camada social na qual o seu proprietário estava inserido. Essa análise se torna válida para o jazigo da família Lotfi (Figura 3).

Nesse jazigo, feito de granito preto, encontramos uma grande estátua confeccionada em bronze, que ganha destaque em contraposição com o fundo escuro. É interessante observar como esse túmulo se destaca em relação aos outros que, na imagem, estão a direita. Esse jazigo foi pensado para ser visto e reconhecido por aqueles que frequentam o cemitério.

Outro túmulo que atrai os olhares no cemitério é o da Família Anache (Figura 4).

A arte tumular também está presente nesse túmulo. Temos dois tipos de ornamentação: a estátua de uma santa, recorrente na decoração dos túmulos e outra estrutura, maior e que destoa do padrão religioso, construído do mesmo granito que compõe o túmulo. A família Anache foi dona de um dos cinemas da cidade durante a década de 1970,



Figura 3. Família Lotfi. Fonte: Jéssica Canavarro Oliveira (2016).



Figura 4 - Família Anache. Fonte: Jéssica Canavarro Oliveira (2016).

por isso, seu nome faz parte do cotidiano das pessoas que habitam Corumbá. Por ser uma família que teve destaque político estadual, o seu túmulo é alusivo a outro símbolo político brasileiro: o Congresso Nacional.



Figura 5. Família Sultani Jeha. Fonte: Jéssica Canavarro Oliveira (2016).

O jazigo da família Sultani Jeha (Figura 5) optou por outra forma de arquitetura tumular. Apesar de ter uma base mais estreita, a altura da estrutura a confere um destaque em relação aos túmulos vizinhos. O material escolhido foi o granito com pó de mica. Visualizamos a escolha da cruz, referência religiosa, que está no alto da estrutura e a guirlanda, na base da mesma, com elementos decorativos. Os nomes dos familiares estão grafados em mármore material que era consumido pelas classes mais abastadas, inclusive para a ornamentação de suas residências.

Dessa forma, podemos ponderar que as representações sociais que essas famílias de imigrantes construíram na cidade, também são reproduzidas naquele cemitério. Uma vez que os cemitérios fazem parte do cotidiano da população, esses jazigos, ao se destacarem na paisagem, sinalizam que naquele local encontram-se pessoas que se inseriram na sociedade e que continuaram a ser lembradas, pois seus mausoléus vão se configurando no imaginário dos locais.

Retornando à carta do imigrante sírio, percebemos que alguns imigrantes conseguiram “viver melhor” em Corumbá devido às atividades comerciais. Esse ramo econômico permitiu ascensão social, e as alianças com as famílias locais de prestígio, através dos matrimônios, reforçaram a presença desses imigrantes em postos de destaque na cidade. E essa posição que alguns imigrantes alcançaram também é representada nos cemitérios, devido à maneira em como os túmulos foram pensados e organizados nesse espaço.

Considerações finais

Os imigrantes que se estabeleceram em Corumbá desde o século XIX desenvolveram mecanismos para se inserirem na sociedade local, em uma tentativa de fazer parte da cidade. Como pudemos observar ao longo do texto, os sírios e os libaneses atuaram diretamente no comércio local, inicialmente como mascates e, posteriormente, alguns deles conseguiram se tornar lojistas. Entretanto, a ascensão econômica não levou necessariamente a uma inserção no círculo das famílias já estabelecidas na cidade e que

possuíam estabilidade econômica, cujas atividades estavam ligadas ao comércio e à pecuária. Uma forma encontrada foram os matrimônios, que trariam a possibilidade de que esses imigrantes pudessem desempenhar outros papéis sociais.

Atualmente, os nomes de parcela desses imigrantes, e suas trajetórias, estão presentes na História de Corumbá. Tornaram-se nomes de escolas, ruas, estabelecimentos comerciais e de um cemitério, como já mencionado. Apesar desses casos, consideramos que a representação social dessas famílias de sírios e de libaneses que emigraram de sua terra natal para o Brasil é mais visível no cemitério do que no comércio ou nos registros matrimoniais. A monumentalidade e o local escolhido de alguns jazigos, como analisado acima, apontam que esses imigrantes conquistaram a inserção nos círculos familiares que eles desejavam. Essas representações sociais, que podem ser tanto discursivas quanto materiais, fortalecem a nossa hipótese de que as famílias de sírios e de libaneses se utilizaram das mesmas estratégias das outras famílias das classes mais abastadas para serem inseridos na sociedade: estabilidade econômica, enlacs matrimoniais com famílias locais e no cemitério reproduziram a representação social, expressa em monumentos que se configuram como uma ferramenta de ativação da memória individual e coletiva.

Este artigo é fruto do Projeto de Pesquisa intitulado: CONSTRUÇÃO, TRANSFERÊNCIA E APLICAÇÃO DE SISTEMA DE INFORMAÇÃO AO IMIGRANTE PENDULAR NA REGIÃO DE FRONTEIRA EM MATO GROSSO DO SUL, financiado pelo CNPq

Bibliografia

- » ARIÈS, P. (1982) *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. V. II.
- » BARROS, J. D'A. (2009) História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço, in *MOUSEION*, vol.3, nº5, Jan-Jun /2009, pp. 35-67.
- » CARVALHO, L. F. (2012) Os cemitérios como Índice da Modernidade Humana. *Habitus*, v. 10, n.o, jul./dez. 2012, pp. 39-51.
- » CHARTIER, R. (1990) *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/Difel.
- » CHOAY, F. (2001) *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Unesp; Estação Liberdade.
- » HAJJAR, C. (1985) *Imigração Árabe – 100 anos de reflexão*. São Paulo: Cone Editora.
- » JARDIM, D. F., OLIVEIRA, M. A. M. de (2006) *Os Árabes e suas Américas*. Campo Grande, MS: Editora da UFMS.
- » KIRK, G.. (1964) *História do Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- » LE GOFF, J. (2003) *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- » MUKSDI, B. (2001) Testimonios Orales de los Descendientes de Sirios Libaneses en San Miguel de Tucumán (Argentina). *La Identificación Étnica. Revista Trocadero* (171-187).
- » OLIVEIRA, M. R. C. (2010) *Imigração Sírio-Libanesa em Campo Grande e o Clube Libanês*. Dissertação de Mestrado de História, UFGD.
- » OLIVEIRA, M. A. M. de (2001) “O Mais Importante era a raça”: Sírios e Libaneses na Política em Campo Grande, MS. Tese de Doutorado em História Social, Universidade de São Paulo, F.F.L.C.H.
- » OLIVEIRA, T. C. M. (1998) *Uma Fronteira para o Pôr do Sol*. Campo Grande: Ed. da UFMS.
- » RIBEIRO, G. R. P., PRADOS, R. M. N. (2014) Discurso e Cultura na Arte Tumular: Estudo Semiótico, Espaço de Representação e Memória. *Acta Semiótica et Lingvistica* V. 19 n. 1, pp. 39-48.
- » SAID, E. (1990) *Orientalismo – O Oriente como Invenção do Ocidente*. Trad. Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Cia das Letras.
- » TRUZZI, O. (1997) *Patrícios – Sírios e Libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec.

FONTES DOCUMENTAIS

- » Acervo da Paróquia Nossa Senhora da Candelária, Corumbá, MS, Livros de Casamentos nº IV (1896-1902), nº V (1903-1913) e nº VI (1914-1918).
- » Acervo do Cemitério Santa Cruz.
- » Ata de Fundação de Sena Madureira, Acre, 1904.

- » Cartório de Ladário.
- » Cartório do 2º Ofício de Corumbá.
- » FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Arquivo Filinto Müller. Relatório - Parte 1. Inquérito Político – Econômico entre as Colônias Estrangeiras. II – Os árabes no Brasil.
- » Jornal O Liberal, Corumbá, MT, 20 de agosto de 1903, p. 1.
- » Jornal O Liberal, Corumbá, MT, 24 de setembro de 1903, p. 1.
- » BRASIL. Ministério da Guerra. Monografia do Município de Corumbá. p. 55.
- » Panfleto Ilustrativo de Corumbá e Região, p. 01.